

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA COM ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO

ELIANE PAIVA DE ALBUQUERQUE RIBEIRO

EDUCAÇÃO NO QUILOMBO IPIRANGA: DESAFIOS

JOÃO PESSOA/PB

2023

ELIANE PAIVA DE ALBUQUERQUE RIBEIRO

A EDUCAÇÃO NO QUILOMBO IPIRANGA: DESAFIOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia à banca examinadora no Curso Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo do Centro de Educação (CE), Campus I da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Profa. Dra. Eunice Simões Lins

JOÃO PESSOA /PB

2023

2023e Ribeiro, Eliane Paiva de Albuquerque.

Educação no Quilombo Ipiranga: desafios / Eliane Paiva de Albuquerque Ribeiro. - João Pessoa, 2023.
35 f. : il.

Orientação: Eunice Simões Lins.

Trabalho de Conclusão de Curso (Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - área de aprofundamento em Educação do Campo) - UFPB/CE.

1. Educação do campo. 2. Educação quilombola. 3. Cultura afro-brasileira. I. Lins, Eunice Simões. II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 376.7(043.2)

ELIANE PAIVA DE ALBUQUERQUE

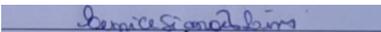
A EDUCAÇÃO NO QUILOMBO IPIRANGA: DESAFIOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia com Área de aprofundamento em Educação do Campo.

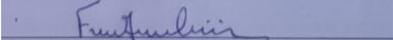
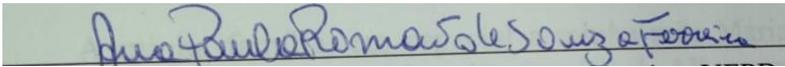
RESULTADO: _____ NOTA: _____

João Pessoa, ____de junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Eunice Simões Lins - UFPB
(Orientadora)



Profa. Dra. Francisca Alexandre de Lima - UFPB
(Examinadora)

Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira- UFPB
(Examinadora convidada)

A minha família, em especial a minha mãe Maria Helena Paiva de Albuquerque, meu pai Damião Otacílio de Albuquerque e, minhas filhas Joyce Paiva de Albuquerque, Thalyta Albuquerque Ribeiro da Cunha, Sarah Albuquerque Ribeiro da Cunha e Elyza Helena Albuquerque

Ribeiro da Cunha, que são minha inspiração diária e o grande motivo pelo qual eu luto e nunca desisto.

Dedico

AGRADECIMENTOS

À Deus e ao seu filho Jesus Cristo que sempre me guiam nesta caminhada que nunca foi fácil. Pelos momentos em que os pensamentos de parar e desistir vinham em minha mente, Ele sempre me renovava as forças conduzindo meu estudo.

Ao meu pai Damião Otacílio de Albuquerque, que batalhou arduamente de sol a sol, para que seus sete filhos tivessem a oportunidade que ele não teve.

À minha mãe Maria Helena Paiva de Albuquerque, que dedicou toda sua vida a família, este anjo que Deus me deu por mãe, que sempre me apoiou em todos os meus sonhos e projetos.

As minhas filhas, Joyce Paiva de Albuquerque, Thalyta Albuquerque Ribeiro da Cunha, Sarah Albuquerque Ribeiro da Cunha e Elyza Helena Ribeiro da Cunha, que são minha força. Por elas sigo todos os dias, onde o meu maior desejo sempre foi ser um exemplo de superação para elas em mostrar o caminho que é a educação.

Aos meus netos Lucimário Neto e Ezequiel Rosendo por trazerem uma nova perspectiva a minha vida e me inspirar de uma forma livre e natural.

À minha querida amiga Elisangela, que sempre esteve disposta a ajudar, quer seja com materiais de estudo, quer seja com palavras de incentivo, e mesmo em seu momento mais difícil, em sua luta árdua contra o câncer, ela sempre se manteve solícita e disposta a ajudar.

À minha querida amiga Alessandra, pelas palavras de incentivo, pelas dicas e pelas boas energias que sempre emanam dessa linda pessoa.

Aos meus irmãos Flaviano Paiva de Albuquerque, Cosme Paiva de Albuquerque, Edmilsom Paiva de Albuquerque, Ednaldo Paiva de Albuquerque, Maria da Conceição Paiva de Albuquerque, Maria Aparecida Paiva de Albuquerque por serem meus parceiros na vida, e mostrar um caminho lindo de amor e cumplicidade.

À toda comunidade acadêmica da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, desde a equipe serviços gerais à reitoria, pois a existência de vocês tornou meu sonho possível.

A todos os meus companheiros de curso meu agradecimento pela compreensão, pela dedicação aos trabalhos de equipe, obrigado por se alegrarem quando íamos bem, e pelas dicas quando as dificuldades atrapalhavam.

À direção da EMEIF José Albino Pimentel em nome da diretora Ana Maria da Silva, que gentilmente abriu as portas da instituição e auxiliou nos questionamentos, apesar dos seus compromissos com a gestão da escola, sempre se mostrou solícita, e gentilmente sanou todas

as minhas dúvidas, assim como pelas oportunidades de estágio, que para minha sorte também foi na escola, pois serviu e inspiração para a escolha do tema, onde comecei a ver por outra ótica a importância da preservação da minha história como negra, e isso foi o ponto crucial para o início desse projeto que estou amando a cada descoberta.

Às professoras Elza Fernanda Raimundo, Irineia Siores de Carvalho, Maisa Brito da Silva, Edna Romão Silva, que encontraram um tempo em suas agendas e, pacientemente participaram da entrevista. A minha eterna gratidão as profissionais que dividiram comigo um pouco da experiência e do prazer que é lecionar numa escola rural numa comunidade quilombola.

À Sra Geane, que me mostrou que eu era capaz e não me permitiu desistir mesmo quando eu já havia desistido.

À minha orientadora Professora Dra. Eunice Simões Lins, por ser mulher, forte, fonte de inspiração não apenas para mim, mas para todos que tem a sorte de tê-la como professora e/ou orientadora. Obrigado pelo tempo dedicado a orientação de minha monografia, obrigado por me aceitar, mesmo tendo tanto a fazer! Obrigado professora Eunice.

Às professoras Dra. Francisca Alexandre de Lima e Profa. Ana Paula Romão S. Ferreira, por terem aceitado ao convite de participar da defesa desse trabalho de conclusão de curso que para mim é de muita valia, pela partilha dos seus conhecimentos de forma crítica e reflexiva, gratidão pela presença num dos momentos mais importantes de toda a minha vida.

A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso realizou um estudo sobre os desafios vivenciados pelos educadores da Educação Quilombola Ipiranga descrevendo sobre os desafios enfrentados como espaço de resistência e conquista no âmbito rural, buscando enfatizar a trajetória do ensino quilombola, suas lutas em busca de um ensino voltado ao resgate e resistência das raízes afro-brasileiras, respeitando as especificidades e identidade do negro quilombola. O objetivo de nosso estudo foi descrever sobre as dificuldades enfrentadas na educação quilombola da Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF) José Albino Pimentel e as possíveis conquistas alcançadas que favoreceram o processo educativo do quilombo no âmbito rural. Quanto a metodologia selecionamos a pesquisa descritiva, bibliográfica e de campo. Realizamos a observação e registro dos dados em cada encontro realizado na escola. Construímos um questionário/roteiro para realizar a entrevista aos professores da escola. Como resultado foi possível observar que as dificuldades enfrentadas pela instituição de ensino na atualidade são diversas; a começar pela estrutura física, onde o espaço sofre com o descaso político, e notoriamente está deteriorado, o que geralmente acontece por estarem localizadas em área rural, sofrem com a precariedade, com o esquecimento dos governantes; para além da estrutura, a desmotivação dos professores diante da realidade que vivenciam, além da formação profissional que não condizem com a realidade cultural da comunidade quilombola, são algumas das questões vivenciadas pela escola.

Palavras-chave: Educação do Campo. Educação Escolar Quilombola. Quilombo. Cultura afro-brasileira

ABSTRACT

This course completion work carried out a study on the challenges experienced by Quilombola Ipiranga Education educators, describing the challenges faced as a space of resistance and conquest in the rural environment, seeking to emphasize the trajectory of Quilombola teaching, their struggles in search of a better education. aimed at rescuing and resisting Afro-Brazilian roots, respecting the specificities and identity of the black quilombola. The aim of our study was to describe the difficulties faced in quilombola education at the José Albino Pimentel Municipal School of Early Childhood and Elementary Education (EMEIEF) and the possible achievements that favored the educational process of the quilombo in rural areas. As for the methodology, we selected descriptive, bibliographical and field research. We observed and recorded the data in each meeting held at the school. We built a questionnaire/script to conduct the interview with the school's teachers. As a result, it was possible to observe that the difficulties faced by the educational institution today are diverse; starting with the physical structure, where the space suffers from political neglect, and is notoriously deteriorated, which usually happens because they are located in rural areas, suffer from precariousness, with the forgetfulness of rulers; in addition to the structure, the demotivation of teachers in the face of the reality they experience, in addition to professional training that does not match the cultural reality of the quilombola community, are some of the issues experienced by the school.

Keywords: Rural Education. Quilombola School Education. Quilombo. afro-brazilian culture

LISTA DE ABREVIATURAS

EEQ - Educação Escolar Quilombola

FCP - Fundação Cultural Palmares

DCNEEQ - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola

PPP - Projeto Político-Pedagógico

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - Senzala antiga.....	16
IMAGEM 2 - Cruz em homenagem a Zé de Lela.....	18
IMAGEM 3 – Zé de Lela e sepultamento de Dona Bila.....	19
IMAGEM 4 - Casa existente no quilombo.....	19
IMAGEM 5 - Sala de Aula	20
IMAGEM 6 – Frente escola.....	26
IMAGEM 7 - Apresentação do grupo Clamores Antigos.....	32
IMAGEM 8 – Apresentação do grupo Clamores Antigos.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 O ESPAÇO ESCOLAR NO QUILOMBO IPIRANGA	16
2.1 O QUILOMBO IPIRANGA SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA	18
3 EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA	21
4 AS CONQUISTAS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA	23
4.1 A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: PARECER DOS PROFESSORES (AS)	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
6 REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Diante das várias temáticas abordadas na sala de aula durante curso de Pedagogia com Aprofundamento em Educação do Campo na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, pude me identificar com o estudo sobre a educação nos quilombos, por compreender que os quilombos estão presentes no país desde os períodos colonial e imperial. Os negros foram forçados a deixar o continente Africano pelos portugueses para realizarem trabalhos após a diáspora transatlântica para fins da formação do colonialismo baseado no tripé: trabalho escravo, monocultura e latifúndio. Processo histórico de muitas explorações, de territórios e da população africana.

Os povos indígenas que aqui habitavam e foram escravizados, morriam com as doenças trazidas pelos portugueses ou se rebelavam e resistiam à escravidão, viu-se então a necessidade de se conseguir uma mão de obra barata para o trabalho pesado, e os negros foram os escolhidos para essa triste e enfadonha realidade.

Por conta do trabalho pesado, dos maus tratos sofridos pelos feitores e da forma de vida miserável, os negros que já estavam familiarizados com o Brasil, viram na fuga uma possibilidade de serem livres e sobreviver.

Surgem então os quilombos¹, que inicialmente significava um lugar de descanso dos povos nômades, porém se tornou um lugar onde abrigava os escravos fugitivos. Uma sociedade fortalecedora de seus costumes e tradições africanas, onde Palmares foi o maior quilombo brasileiro e esteve localizado ao sul da capitania de Pernambuco, atual Alagoas. Fundado por uma mulher, Aqualtune, princesa e herdeira do Reino do Congo e mãe de Ganga Zumba, Ganga Zona e Sabina (mãe de Zumbi dos Palmares). Seus dois maiores líderes foram Ganga-Zumba e Zumbi estima-se que este quilombo chegou a abrigar cerca de 20 mil quilombolas. Incomodados com o crescimento e organização desta comunidade, que foi considerado uma ameaça e por conta disso o quilombo foi destruído em 20 de novembro de 1695, com a morte do líder Zumbi (REIS, 1996).

Mas, não significava que o quilombo havia chegado ao fim, isso foi apenas um incentivo para que os demais negros lutassem pela liberdade. Com isso os quilombos foram se organizando socialmente. O negro é historicamente pobre e com isso o acesso à educação foi negado por muito tempo.

¹ Trata-se de uma palavra em Yorubá que significa “Fortificação ou Forte”. Vem sendo compreendido como “espaço de resistência” (MUNANGA, 2006).

Na Paraíba, atualmente existem 39² comunidades quilombolas certificadas segundo a Fundação Palmares e, grande parte está localizada no campo. Foram anos de peleja até conseguirem reconhecimento perante a lei a sociedade. Para aqueles que residem em comunidades quilombolas o desafio é fazer uma educação que atenda a necessidade daquela realidade, resgatando e valorizando suas raízes.

Todavia, ainda não há um favorecimento aos ensinamentos de temáticas africanas que auxiliem no fortalecimento da cultura nas escolas, pois ainda persiste uma educação que resiste ao modelo de ensino quilombola, se limitando ao considerado ideal para o coletivo, sem respeito às especificidades do quilombo.

Diante de tais constatações, construímos nossa questão problema: Quais as dificuldades e conquistas da Educação Escolar Quilombola na Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental José Albino Pimentel?

Traçamos como objetivo geral de nosso estudo descrever sobre as dificuldades enfrentadas na educação quilombola da Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF) José Albino Pimentel e as possíveis conquistas alcançadas que favoreceram o processo educativo do quilombo no âmbito rural.

A pesquisa utilizada no primeiro momento foi a exploratória, onde por meio de estudo, leitura e fichamentos, buscamos descrever sobre a educação no quilombo Ipiranga, que está localizado na cidade de Conde – PB, visando um estudo aprofundado sobre o assunto. Em seguida foi realizado um estudo bibliográfico para auxiliar, fornecendo a base teórica sobre o sistema de ensino adotado naquela localidade, assim como os registros históricos que conduziram a pesquisa.

Foi realizada a observação no local de estudo e foi possível coletar dados para a pesquisa através de um questionário/roteiro elaborado para ser utilizado na entrevista individual com os professores com o objetivo de identificar dados sobre a realidade vivenciada pelos educadores da escola quilombola.

Ao todo o questionário/roteiro contendo doze questões foi aplicado com uma amostra de dez professores, sendo selecionado apenas quatro questionários para ser analisado devido as respostas serem satisfatórias ao objetivo traçado na pesquisa.

Ressaltamos que dos outros seis questionários, cinco não foram respondidos porque os professores selecionados não compareceram a entrevista e apenas um questionário o professor não respondeu as questões no ato da entrevista alegando que não iriam responder. Para a análise

² Informações retiradas do site da Fundação Palmares - <http://www.palmares.gov.br/comunidades-remanescentes-de-quilombos-crqs>

da coleta de dados relacionamos algumas questões que tinham aproximação com a resposta e, então utilizamos para a análise dos dados.

Desse modo, o estudo foi realizado em três momentos. No primeiro foi feito uma descrição sobre a escola quilombola para o conhecimento de sua estrutura. No segundo momento foi identificado as dificuldades enfrentadas na educação quilombola por parte dos profissionais da educação infantil e no último momento foi realizado uma análise da entrevista questionário aos quatro professores.

2 O ESPAÇO ESCOLAR NO QUILOMBO IPIRANGA

Em meados do século XVI os negros foram trazidos ao Brasil advindo do continente africano de forma desumana e lotando os navios chamados negreiros, onde muitos não resistiam à longa e dura viagem e acabavam morrendo e sendo jogados ao mar, já os que aqui chegavam com vida, porém debilitados eram tratados em seguida vendidos como escravos para os trabalhos forçados nas plantações e mineração, assim como para trabalhos domésticos. Os escravos viviam em senzalas onde não podiam usar seu idioma e costumes, e nem cultuar seus deuses. Todavia, por meio de danças e cantorias os escravos podiam manter cultuar seus deuses e, manter viva a identidade africana como também utilizaram desta para aprimorar os movimentos corporais para luta.

IMAGEM 1 – Senzala antiga



FONTE: <https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1017/senzala.html>

Por conta do trabalho forçado e a precariedade do modo de vida a expectativa de vida desses negros era baixa, não chegando sequer a usufruir da liberdade garantida pela Lei do Sexagenário. O tráfico de negros era cada vez mais crescente e rendoso. Diante de um quadro de maus tratos e sofrimento, os escravos se rebelavam contra seus senhores e, em decorrência disto eram castigados por meio de açoites, dentre outras formas cruéis utilizadas para punir quem fosse contrário aquela forma de vida. Muitos conseguiram fugir, sendo alguns capturados e outros formaram os quilombos.

Onde houve escravidão, houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob ameaça de chicote, o escravo negociava espaços de autonomia, fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual e coletivamente. Houve um tipo de resistência que poderíamos considerar

a mais típica da escravidão [...] trata-se das fugas e formação de grupos de escravos fugidos. (REIS, 1996, p.47).

No ano de 1888, a princesa Isabel assinou a Lei Áurea³, que decretou a liberdade dos escravos, uma conquista histórica sem dúvida, mas infelizmente políticas públicas que inserirem os negros na sociedade não foram pensadas, e a partir de então outros problemas surgiram e alguns refletem ainda hoje. Algumas comunidades quilombolas resistem até os dias atuais, buscando manter as raízes culturais, e a educação é o canal que liga a história a atualidade.

³ A Lei Áurea só foi decretada por pressão internacional, uma vez que o Brasil foi o último país das Américas a decretar o fim da escravidão e após muitos levantes, formações de quilombos e movimentos abolicionistas.

2.1 O QUILOMBO IPIRANGA SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA

Assim como as demais comunidades remanescentes de quilombo reconhecidas no Brasil, o Quilombo Ipiranga também é sinônimo de um povo injustiçado, que buscou e busca diariamente manter vivas suas memórias, reafirmando sua identidade e repassando seus conhecimentos através da educação e projetos culturais.

O quilombo é um território étnico marcado por peculiaridades socioculturais perpassadas pela definição de uma identidade coletiva. A dimensão territorial é posterior à especificidade do pertencimento étnico-racial de um grupo que se auto identifica como quilombola. (SOUZA, 2015, p.5).

Imagem 2: Cruz de homenagem



Fonte: Arquivo pessoal – homenagem a Zé de Lela

Inicialmente habitada pelos tabajaras, seguidos dos negros fugitivos que resistiram à escravidão que tomava conta do Brasil. Este território também é marcado pelas diversas batalhas travadas contra os grandes latifundiários que eram os detentores de riquezas e poder, em prol da conquista dos direitos a ter um pedaço de chão para plantar e manter suas famílias, algumas dessas batalhas inclusive com derramamento de sangue dos seus líderes comunitários, como foi com o Zé de Lela (José Avelino em 29/12/1988) e dona Bila (Severina Rodrigues da Silva em 30/03/1989), ambos lutando pelo direito a terra.

Imagem 3: Ze de Lela à esquerda e Dona Bila à direita



Fonte: Imagens da internet - <https://www.youtube.com/watch?v=akvD3eoXpeE>

E reconhecendo a essas Comunidades a direito à Terra como direito ancestral, estes sujeitos tornam-se sujeitos históricos e a que podemos incorrer no erro de presumir que os quilombos de antigamente, a que definidos como Quilombos históricos são os mesmos Quilombos que podemos encontrar na atualidade. Falar dos quilombos e dos quilombolas no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política, e conseqüentemente, uma reflexão científica em um processo de construção (SILVA, 2014)

O quilombo Ipiranga está localizado no município do Conde, litoral Sul da Paraíba, foi reconhecido como comunidade remanescente de quilombo, recebendo em 13/12/2006 o certificado da Fundação Cultural Palmares – FCP. Atualmente a comunidade quilombola é composta por cerca de 250 famílias, onde a agricultura ainda prevalece como uma das fontes de renda dos moradores.

IMAGEM 4 – Casas existentes no quilombo



FONTE: Arquivo pessoal

Uma das grandes frentes de enfrentamento as injustiças que há em nossa sociedade é a educação, e neste cenário de lutas, uma conquista importante para a comunidade foi à construção da Escola Municipal José Albino Rafael. A escola é mantida pelo município do Conde-PB, que atualmente é gerido pela Prefeita Karla Pimentel. Recebeu este nome não por escolha democrática da comunidade daquela época, mas por questões políticas, para homenagear um dos proprietários das terras do Gurugi. Sua construção se deu no período em que os camponeses lutavam pelas terras, antes, pertencentes ao Estado.

A escola foi fundada no ano de 1979, no então governo de Dr. Wilson Leite Braga e o prefeito do Conde era o Sr. Aluísio Vinagre Regis. Ampliada e reformada no ano de 2014, sob a gestão da prefeita Tatiana Lundgring Correia de Oliveira, atualmente conta com funcionários efetivos e prestadores de serviços, e atende as crianças da comunidade e ofertando o ensino infantil.

Imagem 5: Sala de aula



Fonte: Imagem do arquivo pessoal

Todavia, as dificuldades enfrentadas pela instituição de ensino na atualidade são diversas; a começar pela estrutura física, onde o espaço sofre com o descaso político, e notoriamente está deteriorado, o que geralmente acontece por estarem localizadas em área rural, sofrem com a precariedade, com o esquecimento dos governantes; para além da estrutura, a desmotivação dos professores diante da realidade que vivenciam, além da formação profissional que não condizem com a realidade cultural da comunidade quilombola, são algumas das questões vivenciadas pela escola.

3 EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

A educação quilombola perpassa os limites estruturais da escola, indo bem além do que é ensinado em sala de aula. Mas abrangendo a territorialidade, a cultura, além dos conhecimentos que foram repassados de geração em geração pelos nossos ancestrais por meio da oralidade, os saberes compartilhados entre pais e filhos, comunidade e escola, forjando a identidade do sujeito do quilombo. Todo o conhecimento repassado pelos mais velhos da comunidade são de extrema valia, contribuíram para a perpetuação das raízes e identidades do povo quilombola.

Nada é mais incisivo como marcador da identidade de um povo do que a cultura em que este povo mesmo se define. Sem ela, tal identidade simplesmente desaparece, dissolve-se, deixando ali, como consequência, uma amorfa massa humana. Daí ser imperativo o reconhecimento, incentivo e preservação da cultura popular de formar eu as gerações futuras para que sintam-se não só herdeiras, mas também valedouras de gigantesco e precioso tesouro. (FILHO, 2017.p.14)

As conquistas da resistência negra se reflete na educação, onde leis foram criadas para manter as nossas tradições vivas no meio em que vivemos, uma vez que, existam barreira para um ensino voltado à realidade quilombola, indo desde a localidade e estrutura escolar aos currículos escolares, que já eram determinados para contemplar todos os alunos sem distinção, ou seja, as especificidades de cada realidade não eram levadas em consideração na elaboração destes currículos, obrigando os professores a ensinarem o que era estabelecido, o que dificultou durante muito tempo a valorização das raízes culturais africanas.

Mas, a busca pelo respeito das diferenças foram se intensificando com o passar do tempo, o movimento negro no Brasil se mostrou atuante no que diz respeito à luta pelos direitos, pelo reconhecimento cultural. Para que a educação quilombola ganhasse forças a participação e conscientização da comunidade junto à escola foi de extrema valia, cada um com sua história a ser preservada, respeitada e passada a diante para que não fique apenas na memória ou nos livros. E, o trabalho da escola nessa tarefa é imprescindível, mas a comunidade também deve se fazer presente.

Primeiro é preciso ter o pertencimento, a autoafirmação. É preciso que reconheçamos que somos diferentes, mais não desiguais. Esse autoconhecimento traduz falta de visibilidade que afetam as escolas quilombolas. Considerando que somos rotulados como iguais as outras, quando não somos. Temos nossa própria história, nosso território, nossos antepassados, nossas vivências. Legados históricos que devem fazer parte da nossa realidade escolar. (ALVES, 2018).

Buscando preservar a historicidade do quilombo a escola conta com projetos que envolvem todos, tanto escola quanto pais, quando moradores circunvizinhos da instituição, alguns deles é o Coco de Roda nas escolas, A Ciranda, são danças que a escola incentiva e um meio de participação de todos na preservação e perpetuação da história:

Esse é o reconhecimento que precisamos para mostrar aos outros que somos diferentes. Que precisamos de liberdade em nosso currículo para que nossa Cultura seja perpetuada e respeitada. A lei 10.639 de 2003. Algumas pessoas criticam, mas se não for pelo marco legal não somos nada. É pela legislação que acontece a conquista. Essas políticas afirmativas criam oportunidade para a difusão da cultura quilombola. Comentam a pesquisa, promovem eventos de divulgação. Trazendo a discussão sobre a equidade em todos os seus aspectos. (MARTINS, 2018)

Vale ressaltar que a dívida histórica com o negro sempre existirá, mas o fato é que todos devem ser trazidos a consciência de que é preciso manter viva a memória do negro, na cultura, das raízes, da resistência, e dos benefícios que os negros trouxeram para o desenvolvimento da nação, e a educação é o caminho a ser trilhado para a formação de novas gerações, mas respeitando cada um, suas especificidades, fortalecendo a identidade de cada povo.

4 AS CONQUISTAS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

Partindo da necessidade de conhecer e difundir a história do negro outrora advindo do continente africano e que por anos e anos fincou raízes e disseminou sua cultura de senzalas a quilombos. Viu-se a importância de preservar essa história que por muito tempo foi negada.

Essa negação da cultura afro-brasileira foi por muito tempo a responsável pela visão distorcida de que não havia utilidade o ensino da cultura africana. Dessa forma, desvalorizando todo o histórico do negro por décadas, negando sua contribuição na construção do país.

Mas, como o negro é sinônimo de lutas o movimento negro saiu em busca dos seus direitos, reivindicando políticas públicas que trouxessem a possibilidade do negro se ver como negro. E, neste contexto de lutas e reivindicações surge a lei 10.639/2003, sendo considerada um marco das conquistas do negro na educação, pois determinou a inclusão da história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Com isso, a implantação da Lei 10.639/03 tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e afro-brasileira nas instituições educacionais do país. Dando embasamento para a elaboração das Diretrizes Nacionais Curriculares Na Educação Escolar Quilombola.

A partir de debates entre representantes de movimentos sociais e das comunidades de remanescentes de quilombos, de educadores, pesquisadores e órgãos governamentais, sobre o direito a uma educação voltada para construção da igualdade e a equidade racial, almejando a preservação cultural e histórica afro-brasileira, políticas públicas foram elaboradas orientando os planejamentos curriculares que buscam levar em consideração a realidade dos alunos, assim como o contexto em que eles estão inseridos, o que resultou nas regulamentações das escolas quilombolas foram regulamentadas. Com a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (DCNEEQ), visando transformar a realidade e os interesses das escolas inseridas em comunidades quilombolas. Com base nas conquistas do DCNEEQ, diz o texto:

Art. 1º Ficam estabelecidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar

Quilombola na Educação Básica, na forma desta Resolução.

§ 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:

I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas reminiscentes;
- c) dos marcos civilizatórios;
- d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
- h) da territorialidade.

II - compreende a Educação Básica em suas etapas e modalidades, a saber: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação do Campo, Educação Especial,

Educação Profissional Técnica de Nível Médio, Educação de Jovens e Adultos, inclusive na

Educação a Distância;

III - destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em suas mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica;

IV - deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como quilombolas, rurais e urbanas, bem

como por estabelecimentos de ensino próximos a essas comunidades e que recebem parte

significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas;

V - deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento,

valorização e continuidade;

VI - deve ser implementada como política pública educacional e estabelecer interface com a política já existente para os povos do campo e indígenas, reconhecidos os seus pontos

de intersecção política, histórica, social, educacional e econômica, sem perder a especificidade.

Art. 2º Cabe à União, aos Estados, aos Municípios e aos sistemas de ensino garantir:

I) apoio técnico-pedagógico aos estudantes, professores e gestores em atuação nas escolas quilombolas;

II) recursos didáticos, pedagógicos, tecnológicos, culturais e literários que atendam às especificidades das comunidades quilombolas;

c) a construção de propostas de Educação Escolar Quilombola contextualizada

Tais determinações têm como objetivo orientar em âmbito nacional na construção do PPP das escolas, além da formação de professores que são base para a EEQ em respeito da obrigatoriedade do ensino de história das matrizes africanas, o que foi negligenciado durante muito tempo, mas a partir de mais esta conquista a Educação Quilombola vem se fortalecendo, uma vez que, a conscientização da importância que é manter viva a história, a cultura, as tradições afro-brasileira por meio de uma educação justa e respeitosa, tratando a identidade do negro remanescente de quilombo com a devida atenção e importância, tudo flui de maneira harmoniosa. O reflexo desta conquista na escola José Albino Pimentel trouxe a possibilidade

de uma prática de ensino voltada a realidade dos remanescentes de quilombos que ainda luta para existir.

Onde a construção de Projeto Político Pedagógico se dá de forma participativa, visando conduzir de maneira imparcial o diálogo que é necessário entre a escola com suas metodologias e currículos formalizados e a comunidade quilombola que por sua vez traz consigo conceitos e elementos estruturantes com suas raízes históricas, que juntas orientam, formam e firmam identidades. Dessa forma, os conhecimentos de ambas as partes podem ser trabalhados juntos para proporcionar uma educação igualitária.

4.1 A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: PARECER DOS PROFESSORES (AS)

Como podemos ver nos capítulos anteriores todo o processo dos negros quilombolas e/ou remanescentes de quilombo é de uma vasta contribuição história de cultural. Com seu início no Brasil império, e desde de então atuante, sendo está para além da construção estrutural de nosso país, mas as suas contribuições nos permitem forjar a identidade de um povo que antes não tinha voz ou visibilidade. Neste contexto, o negro ao se organizar politicamente, pode então reivindicar seus direitos.

O movimento negro passou a lutar pelos direitos dos quilombolas, fazendo com que as demandas das comunidades se integrassem à cena pública e política do país, denunciando situações de desigualdade e discriminação, além de promover uma educação escolar quilombola capaz de ser realizada em todo o território brasileiro - e contemplando a realidade de seu povo, algo que permaneceu invisível durante toda a história da política educacional (CAMPOS e GALLINARI, 2017)

Com isso, o negro que antes por vezes sentiu-se oprimido ao ponto de negar suas raízes, sua história, sua ancestralidade num processo negacionista que existiu por séculos, passou a ter nas políticas públicas educacionais um meio de se compreender e, desse modo existir.

IMAGEM 6 – Frente da escola



Fonte: Arquivo pessoal.

Mas, para compreender como se dá o processo educacional quilombola, foi realizada uma entrevista com as professoras do EMEIF José Albino Pimentel com o intuito de identificar os problemas enfrentados pela instituição, e não apenas em relação a estrutura escola, onde todas foram precisas em suas respostas, pois a escola enfrenta uma série de problemas, como relatou a professora Maisa Brito “A estrutura presente na escola é de um ambiente desafiador que precisa de melhorias. No entanto, espera-se que esse problema seja solucionado em breve com uma reforma”.

Certamente o fato de estar localizado numa área Campesina onde as limitações são evidentes, uma vez que há desigualdades perceptíveis entre instituições urbanas e campesina.

Existe, e de forma pouco velada, o preconceito de que o homem do campo é atrasado. Esse é um preconceito histórico que herdamos dos tempos do Brasil Colonial e Imperial, do trabalho rural exercido pelos escravos. Educação rural é uma educação definida pelas elites rurais, uma vez que entendemos que cada classe social procura impor a sua educação a fim de manter o status quo, para os sujeitos do campo (ZEFERINO, 2014).

Sendo assim, as críticas expostas pelas professoras no momento da entrevista com relação a estrutura degradante em que se encontra a EMEIF José Albino Pimentel se dá não apenas por se tratar de uma escola quilombola, mas também devido a sua localização. O que reflete no

aprendizado das crianças, dessa forma, um ambiente escolar que se encontra deteriorado é mais um desafio enfrentado pelos professores, assim como para os alunos, pois essa é realidade enfrentada pelas crianças da comunidade que frequentam a escola. Já a professora Edna Romão resume sua insatisfação em poucas palavras “As condições estruturais da escola encontram-se em situação precária”. O quadro atual da Escola José Albino Pimentel reflete o descaso com a instituição, e pude comprovar tais informações quando estive na escola para realizar a entrevista.

Ao questionar as professoras sobre as especificidades do espaço escolar quilombola, além de indagar sobre as possíveis diferenças entre a metodologia aplicada no sistema formal e no sistema quilombola, e como aproveitar o conhecimento que as crianças trazem consigo ao iniciar os estudos?

Algumas das principais conquistas obtidas pelo negro quilombola no âmbito Educacional são bem recentes, dentre elas a lei 10.639/03 e conseqüentemente as Diretrizes Curriculares Nacionais Para Educação Escolar Quilombola de 2012, que tornaram obrigatório o ensino da história Cultura Negra, além de orientar a maneira a ser implementada nas escolas quilombolas. Todavia, a EMEIF José Albino Pimentel, mesmo estando inserida em um território quilombola, tem uma metodologia de ensino formal, apesar de todo o seu histórico e cultural que rodeia a instituição.

Como já mencionado anteriormente a educação quilombola se dá não apenas no ambiente escolar mas parte dos conhecimentos repassado dentre os sujeitos da Comunidade, sempre dos mais velhos para os mais jovens e esses saberes também consistem numa forma de educação, que forja a identidade do sujeito. Como diz Brandão (2007).

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração para a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e Centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. (BRANDÃO, p 13. 2007)

Assim, utilizar-se do contexto em que a escola está inserida é um ponto positivo para contrapor o fato do ensino ainda ser o formal, uma vez que há saberes anteriores que podem ser grandes aliados em sala de aula para os professores(as). Em conversa com as professoras, elas enfatizaram que o ambiente remete a um espaço diferente, não apenas por se tratar de uma escola localizada no campo, mas por estar num local rico em cultura, e mesmo não havendo um currículo voltado para tais especificidades, é possível utilizar o espaço para trabalhar as especificidades do quilombo. Para a professora Maisa Brito “Trabalhar com as crianças a importância da comunidade na qual elas estão inseridas. Sendo assim, trazer para a sala de aula a realidade sociocultural e histórica dos quilombolas, seus direitos e, sua cultura”, dessa forma, é possível trabalhar a identidade quilombola utilizando o conhecimento históricos da comunidade, uma vez que este também gera no sujeito propriedades que fomentam noções de pertencimento.

Percebe-se as diferenças com relação as metodologias aplicadas na escola quilombola em relação a cultura, nas metodologias aplicadas no dia a dia, onde o maior desafio é agregar ao currículo a realidade do entorno, uma vez que ainda não está voltado as especificidades da comunidade. Para Edna Romão a principal diferença entre as modalidades de ensino formal e quilombola está na cultura afro-brasileira, onde para a professora Edna “A diferença é que na escola quilombola trabalha-se com ênfase nas manifestações culturais afro-brasileira”.

Não apenas utilizar do que há no entorno, mas de todo o conhecimento de mundo que as crianças já trazem consigo, e, esta é uma vantagem grandiosa, o saber cultural que é colocado na prática durante as aulas. Uma vez que educação quilombola parte do conhecimento repassado na vivência do dia a dia. A professora Elza Fernanda acrescenta, “A maioria das práticas são criadas e desenvolvidas com a participação das crianças e a bagagem cultural que eles trazem”.

Reforçando a importância do conhecimento de mundo que as crianças adquirem em seu meio social, quer seja familiar, quer seja em meio a comunidade. Já para a professora Edna Romão enfatiza que “danças, plantios, brincadeiras, dentre outros”, são conhecimentos que agregam e contribuem para a elaboração de projetos de resgates cultural das raízes afro-brasileiras presentes no quilombo Ipiranga. Apesar de todos os esforços aplicados pelos educadores em levar uma educação que respeita a história e as especificidades da comunidade, eles seguem um currículo que já está preparado para ser aplicado durante o ano letivo, embora tenham a possibilidade de agregar ao currículo a utilização de ferramentas existentes na comunidade, como as danças, músicas, os ritos religiosos.

E, pensando na relação entre a escola e a comunidade, indaguei as professoras quais seriam as contribuições da comunidade na elaboração do PPP, e se as metodologias aplicadas no ensino estavam voltadas as realidades vivenciadas pelas crianças?

É importante que haja o diálogo entre a comunidade e a escola e o Projeto Político Pedagógico (PPP) se torna um mediador que possibilita essa interação, uma vez que, alia os saberes da comunidade na elaboração do currículo escolar para a construção da identidade dos sujeitos do quilombo.

A inclusão de saberes, valores e elementos da cultura, como conhecimento curricular é lei nas escolas quilombolas ou para quilombolas. Deve ser garantida no espaço escolar uma articulação entre saberes tradicionais e as práticas socioculturais dos povos quilombolas, considerando que no projeto político pedagógico (PPP) sejam planejadas ações que garantam as especificidades da cultura e da identidade étnico-racial dos povos quilombolas.

Então, segundo as professoras entrevistadas existe a participação da comunidade na elaboração do PPP, “Sim, de forma positiva acrescentando conhecimentos a comunidade participa por meio dos líderes comunitários, por meio de encontros com pais de alunos e moradores da região são realizadas”, informou a professora Edna Romão. Os mais velhos contribuem através de oficinas, palestras e rodas de conversas sobre a melhoria do ambiente escolar. Tal participação é de suma importância para a elaboração do projeto político-pedagógico, dessa forma a escola poderá estar em conformidade com a realidade da comunidade num processo de construção e reconstrução partindo das reflexões e discussões de todos os participantes em uma troca de experiências entre a comunidade escolar e a comunidade local, contribuindo para a melhoria do ensino. Assim como visto no PPP

Partindo desse entendimento, a revisão do Projeto Político Pedagógico da EMEIEF José Albino Pimentel contou com a efetiva participação da equipe pedagógica, discentes, diretoras, professores, supervisores, pesquisadoras¹ e funcionários, além de representantes de associações, conselho da escola e grupos locais, assegurando assim, um espaço democrático de permanente reflexão. (PPP)

A educação Escolar Quilombola é sem sombras de dúvidas uma modalidade de ensino diferente dos habituais, que é comumente aplicada na grande maioria das instituições de ensino do nosso país. A Educação Quilombola é baseada na ancestralidade, sendo disseminada por meio da oralidade, onde os mais velhos repassavam seus conhecimentos diversos aos mais jovens. Por isso a necessidade de uma metodologia de ensino voltada à realidade, respeitando as especificidades da Educação Quilombola, como cita Souza (2015, p.49).

Uma pedagogia que seja de fato diferenciada para as comunidades quilombolas na qual a cultura, a oralidade, a memória, as tradições, a estética, a ancestralidade africana estejam inseridas não apenas como conteúdo, mas na própria concepção da ação pedagógica e do currículo. Para a construção de uma pedagogia quilombola acreditamos na necessidade de participação dos/as quilombolas na construção curricular.

E, com base nas conquistas que a Educação Escolar Quilombola obteve nos últimos tempos, um dos questionamentos realizados às professoras foi sobre como a história do quilombo é trabalhada na escola, as metodologias aplicadas e materiais didáticos estão de acordo com as especificidades dos alunos da comunidade?

Mesmo sendo uma escola territorialmente quilombola, a EMEIF José Albino Pimentel ainda não está totalmente voltada à realidade do meio em que está inserido, todavia, busca

meios de trabalhar a identidade do sujeito por meio de projetos que resgatem o poder a afirmação da identidade quilombola, sendo essencial numa escola quilombola, onde não se deve limitar-se as datas comemorativas específicas, como por exemplo o dia da Consciência Negra que é comemorada no mês de novembro. Os reflexos das Diretrizes podem ser observados no currículo escolar, muito embora com suas limitações, uma vez que se trata de uma escola localizada em quilombo, mas que ainda não tem uma metodologia de ensino totalmente voltada as especificidades locais.

Há sem dúvida algumas há melhorias a serem realizadas no que diz respeito a estrutura, uma vez que se não é adequada prejudica de forma indireta o aprendizado das crianças, pois o espaço também contribui para uma educação de qualidade. Assim como relatou a professora Edna Romão “Os maiores desafios referem-se a estrutura do ambiente.”, que também foram os relatos das demais professoras.

Referente a metodologia de ensino aplicada na EMEIF José Albino Pimentel seguem as práticas pedagógicas tradicionais voltadas a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Todavia, a escola segue desenvolvendo projetos pedagógicos que estimulam o protagonismo dos estudantes e a cultura local, fortalecendo a identidade quilombola, onde as raízes afro-brasileiras são trabalhadas na escola, muito embora em datas específicas. De acordo com elas embora o material didático não esteja totalmente voltadas a realidade territorial da escola, atende de forma parcial as especificidades das crianças. A professora Edna Romão relatou “Está sim, mas precisa de alguns ajustes, mas contempla algumas especificidades”.

A educação quilombola, portanto, torna-se eficiente e necessária a seu povo na medida em que suas condições estruturais e pedagógicas possam proporcionar uma prática educacional condizente com aquilo que é previsto nas Diretrizes Curriculares. A sua eficiência é o que contribui para o empoderamento das crianças e jovens quilombolas, algo fundamental para continuarem na luta pela garantia de permanência em seu território, o que, conseqüentemente, contribui na melhoria das condições de vida e ensino dessas comunidades. (CAMPOS E GALINARRI, 2017).

Embora o respeito as ancestralidades e especificidades do povo quilombola seja uma conquista, a concretização da mesma ainda levará um certo tempo, pois vai além da vontade dos educadores. Mas, mesmo em com todas as limitações existentes a escola conta com projetos voltados ao resgate cultural das raízes afro-brasileiras, como o Clamores Antigos.

Clamores Antigos O grupo Clamores Antigos surgiu de forma espontânea a partir de um trabalho com teatro de fantoches desenvolvido pelo professor Manoel Cosmo com seus alunos sobre aspectos culturais e históricos da comunidade quilombola Ipiranga-

Gurugi. A partir das demandas das crianças que passaram a conhecer de origem da comunidade, o grupo incluiu nas apresentações do teatro de bonecos a dança e a música africana, como o coode-roda, o maculelê e a música de tambor, sendo esses últimos a principal expressão cultural do grupo atualmente. (PPP)

As crianças que participam do grupo Clamores Antigos tem a possibilidade ampliar seus conhecimentos, onde a partilhar os saberes da comunidade quilombola de forma lúdica, onde os próprios componentes do grupo contribuem para o repasse dos conhecimentos adquiridos. Tendo a oportunidade de promover de maneira coletiva as memórias através da dança e com a utilização da música que traz em sua letra sua história.

Imagem 6 – Apresentação do grupo Clamores Antigos



Fonte: Instagram da escola -https://instagram.com/escola_albinopimentel?igshid=MzRIODBiNWFIZA==

Os saberes são partilhados pelos próprios participantes que, de forma autônoma compartilham suas experiências, apropriações e interesses aos componentes mais novos do grupo. Durante os ensaios realizados no espaço escolar, as crianças menores assistem e participam da dança coco-de-roda. O grupo que observa, aos poucos são envolvidos e entram na roda para dançar, assim, observam os passos dos que já estão

dançando e encontram a sintonia criando seu movimento com a intensidade que desejam. O fato de terem em seus familiares uma referência, muitos pais, avós dançaram quando criança, facilita a identificação com a dança. A produção das histórias que compõem o enredo para apresentação de fantoche e as peças criadas, são produções das crianças, que em roda de conversa elaboram o drama. Crianças alfabetizadas e não alfabetizadas, na roda, contribuem com o mesmo entusiasmo. (PPP)

O projeto pedagógico Clamores Antigos teve como base na lei 10.639/03, que enfatiza a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira.

O grupo teve início em 2013 a partir da oferta de atividade extracurricular para tratar do conteúdo da história e cultura afro-brasileira, momento em que foi inserido o trabalho com teatro de fantoches mediado pelo professor Manoel Cosmo da Silva e participação de 25 crianças do 3º ano da EMEIEF José Albino Pimentel. A proposta objetivou trabalhar de forma lúdica o pensamento crítico acerca das relações étnicas raciais com ênfase na formação da identidade cultural do povo brasileiro, pautado na Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental e médio.

IMAGEM 7 – Apresentação das crianças do projeto Clamores Antigos



FONTE: Imagens da internet

A partir do interesse das crianças em conhecer sua histórias, aliadas ao uso da legislação vigente que acoberta a Educação Escolar Quilombola, projetos extracurriculares vêm sendo desenvolvidos, sem sombra de dúvidas são pequenos avanço da Educação Escolar Quilombola, tratando de trabalhar a identidade do sujeito quilombola, respeitando as suas especificidades. O

que leva a afirmação da identidade do negro por meio dos caminhos traçados por uma educação pautada em sua ancestralidade.

Por fim, perguntamos as professoras como é lecionar numa escola quilombola?

As respostas foram gratificantes, pois demonstram todo o amor aplicado por elas num ambiente que requer sensibilidade, criatividade e empenho por parte dos educadores para desenvolver um trabalho voltado as especificidades as crianças. Para a professora Edna Romão, lecionar na EMEIF José Albino Pimentel “é prazeroso, pois existe o respeito e o reconhecimento da história afro-brasileira”, já para Irineia Siare “é enriquecer um pouco a nossa cultura, além de satisfatória fazer parte dessa vivência ensinando e aprendendo ao mesmo tempo.” A cultura quilombola traz inspiração para os profissionais atuantes, Maisa enfatizou ser “uma ótima experiência, pois contempla a valorização de uma cultura que deve ser respeitada e lembrada”, e finalizou com a fala de Elza Fernanda “É reconhecer-se a cada dia, e aprender ensinando.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os resultados desta pesquisa concluímos que a escola EMEIF José Albino Pimentel se mostrou uma instituição educacional que dialoga em partes com as necessidades e especificidades da comunidade quilombola onde está inserida. Pois, em se tratando de uma escola inserida num contexto quilombola, onde há conceitos históricos e cultural extremamente relevantes para a formação e afirmação da identidade do negro remanescente de quilombo utilizando das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola como orientação para laboração de um Projeto Político Pedagógico que promovam metodologias de ensino que considerem as especificidades do sujeito quilombola.

Entretanto, é perceptível que inda há limitações no currículo ofertado pela escola aos seus estudantes, uma vez que ainda se trata do currículo formal, embora haja a possibilidade dos professores(as) agregarem aos currículos metodologias que enfatizem as raízes afro-

brasileiras, assim como a cultura quilombola local, utilizando da vivência e saberes locais para trabalhar em sala de aula, o que consiste como sendo um dos principais desafios. Onde a educação quilombola ainda se encontra em processo de construção, por isso, as instituições de ensino inseridas em território quilombola, por sua vez se tornam responsáveis em aplicar as políticas educacionais existentes utilizando da criatividade para associar os conhecimentos populares ao currículo existente.

Dessa forma, são grandes os desafios para pessoas negras e remanescente de quilombo em busca de resistência de sua identidade que tem se tornado possível a partir de uma educação voltada a perpetuação de suas raízes, e para isso as conquistas a partir das políticas públicas como a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola tem proporcionado novas possibilidades a esta modalidade de ensino voltada ao resgate da história do negro, excluído durante tanto tempo a obter o seu lugar de direito em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Fundação Palmares - Informações retiradas do site da Fundação Palmares - <http://www.palmares.gov.br/comunidades-remanescentes-de-quilombos-crqs>

BRANDAO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. – (Coleção primeiros passos; 20).

CALDART, Roseli Salette. Sobre Educação do Campo. In.: SANTOS, Clarice Aparecida dos (Org.). **Educação do Campo: Campo- políticas públicas- educação**. Brasília: INCRA-MDA, 2008, p. 67-86. (Por uma Educação do campo, n. 7. Coleção).

CAMPOS, Margarida Cássia. e GALLINARI, Tainara Sussai. A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil.2017. REVISTA NERA – ANO 20, Nº. 35 – JANEIRO/ABRIL DE 2017 – ISSN: 1806-6755 208 - <file:///C:/Users/GIGABAYTE/Downloads/4894-Texto%20do%20Artigo-17375-17195-10-20170421.pdf>

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MUNANGA, Kabenguele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/Brasil, 2006.

Portal das Missões –

<https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1017/senzala.html>

REIS, J.J; GOMES, F.dos S. (Orgs.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombolas no Brasil. SP: Cia das Letras, 1996.

SANTOS, Simone Ritta dos. **Comunidades quilombolas** : as lutas por reconhecimento de direitos na esfera pública brasileira, Porto Alegre : EDIPUCRS, 2014.213

SOUZA, Gilmara Silva. Pensando Áfricas e suas diásporas
www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricas NEABI – UFOP - Mariana/MG Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2015 Anais do III Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas - parte 2
<file:///C:/Users/GIGABAYTE/Downloads/1336-Texto%20do%20artigo-2699-1-10-20180513.pdf>

SOUZA, Shirley Pimentel de. **Educação escolar quilombola**: as pedagogias quilombolas na construção curricular. 112f. 2015. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2015.

SILVA FILHO, Petronio Freire da. **Educação do campo, imaginário social e o coco de roda na comunidade quilombola**. 27f. 2017. Monografia (TCC) – Universidade Federal da Paraíba, 2017.

SILVA , Cicero Pedroza da. **Coco de roda novo quilombo**: saberes da cultura popular e práticas de educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB. Dissertação de Mestrado na Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós Graduação em Educação.2014.

VIZOLLI, Idemar. ALVES, Laurentino Gualberto Pereira. BARROS, Luzani Cardoso. Educação Escolar Quilombola: Estudo do projeto pedagógico da escola Municipal de Descoberto em Dianópolis – TO. 110/ **REVISTA HUMANIDADES E INOVAÇÃO** v.8, n67. 2021. Ensino de História e Relações Étnico-Raciais. Olhares Interior anos.

ZEFERINO, Vânia Maria. 2014. **A educação do Campo é seus desafios**. Universidade Federal do Paraná- Setor Litoral